



GT 018. Antropologia dos Esportes: desdobramentos epistemológicos e teórico-metodológicos nos estudos das práticas esportivas

Wagner Xavier de Camargo (UFSCar) -
Coordenador/a, Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF) -
Coordenador/a, Mônica da Silva Araujo (UFPI) -
Debatedor/a

Este grupo de trabalho é fruto de estudos e esforços da antropologia brasileira em compreender das práticas esportivas em sua interface com a sociedade. Nos últimos encontros da RBA (desde 2000) e da RAM (desde 2001), compreendemos que o esporte institucionalizado e as práticas esportivas estão cada vez mais presentes na vida dos sujeitos e têm adquirido maior visibilidade, tanto no cenário brasileiro, quanto no Sul-americano. Como efeito, vimos um aumento exponencial representado no número de pesquisadoras/es (seja na qualidade dos trabalhos, seja na amplitude temática), e tal aspecto se reveste no incremento (e verticalização) de problemáticas concernentes à área. Nesse sentido, é no espaço do GT que aprofundamos e refinamos alguns debates mais clássicos da antropologia, como conceitos de identidades e etnicidade, teorias do indivíduo e da pessoa, usos do corpo e estruturas de poder, além de outros mais contemporâneos, como as questões de gênero, sexualidade e erotismo, interseccionalidades, novas subjetivações e as próprias práticas esportivas. Essas temáticas emergem de etnografias densas e plurais, que abordam distintas modalidades esportivas como o futebol, vôlei, basquete, rugby, lutas e artes marciais, esportes de aventura, ciclismo, natações, dança e outras. O objetivo deste GT, portanto, é possibilitar e dar manutenção ao espaço de diálogo, trocas, interlocução e colaboração entre pesquisadoras/es envolvidas/os com o universo dos esportes.

Disposições, motivações e perfil socioeconômico: uma análise comparativa das Torcidas Organizadas Cearamor e TUF

Autoria: Artur Alves de Vasconcelos

As Torcidas Organizadas (TO) de futebol são grupos que se mobilizam de maneira específica para apoiar seu time nas arquibancadas. Eles têm nome próprio, mascotes, uniformes, bandeiras, faixas, músicas, lemas, dentre outros materiais que os distinguem dos demais aficionados. São em geral compostas por adolescentes e jovens. Tomando o contexto cearense, boa parte vem de contextos de pobreza e são estigmatizados (Goffman) como "violentos" ou "perigosos". O ambiente no interior da TO, por outro lado, é o espaço onde os estigmas negativos são substituídos por imagens positivas de coletividade e amizade. É também um ambiente que forma certos capitais (Bourdieu) que contribuem na construção de um modelo de masculinidade e de identidade ligados à virilidade, energia e violência (Diógenes). O objetivo deste work é comparar integrantes das duas maiores TO cearenses (Cearamor e TUF), procurando o que esses rivais têm de semelhante e de distinto. Para isso, elencamos dados como o perfil socioeconômico, disposições, motivações, práticas e visões sobre o universo das TO. Aplicamos questionário com 252 torcedores/as. Esse levantamento fez parte da disciplina Sociologia do Esporte, ministrada pelo prof. Domingos Abreu no Depto. de Ciências Sociais da UFC em 2015. Os questionários foram aplicados pelos/as alunos/as da disciplina, professor e voluntários. Analisamos aqui algumas das respostas, abordando temas como: idade; escolaridade; bairro de moradia; renda familiar; quando começou a torcer para o time; quem estimulou a isso; quando ingressou na torcida; se está disposto a brigar; se acha que as torcidas são pacíficas ou briguentas, dentre outros. Algumas respostas foram observadas sob a variável "sexo?". Constatou-se que Cearamor e TUF trazem perfil social semelhante: estão na faixa de 21 a 23 anos; grau de escolaridade inferior ao que a idade possibilita; renda familiar não ultrapassa três salários-mínimos; vêm de bairros com IDH baixo



ou muito baixo. Componentes das duas torcidas afirmaram pouca disposição a brigar?. Entretanto, cerca de 30% em cada uma admitiu estar sim muito disposto a isso. Mulheres e homens têm disposição semelhante. Os jovens da Cearamor defendem que sua torcida não é briguenta; já os da TUF admitem que sua TO seria briguenta. Começaram a torcer pelo time ainda na infância, por influência familiar. Isso é verdadeiro para homens e mulheres, embora mais forte entre eles. A respeito do ingresso na TO, em ambas as torcidas isso aconteceu sobretudo na adolescência, algo ainda mais frequente entre as mulheres. Os integrantes de Cearamor e TUF são bastante semelhantes. Sua condição econômica e social, suas motivações, disposições e visões sobre o universo das torcidas são muito próximas. Metaforicamente, são dois lados da mesma moeda.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

